

ARTIGO <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v15i35.5691>**A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: (RE)DESCOBRINDO SENTIDOS**

MUSIC IN CHILD EDUCATION: (RE) DISCOVERING SENSES

LA MÚSICA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: (RE) DESCUBRIRSE SENTIDOS

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle – Brasil

Elaine Conte
Universidade La Salle – Brasil

Resumo: A música está constantemente presente em nosso cotidiano e traz consigo características históricas, sociais e culturais, sendo uma forma de expressão, de comunicação, de reflexão, que pode emocionar, fazer brotar sentimentos, lembranças e até perturbar, pois a musicalidade integra a vida humana e as relações entre música, gesto, ritmo e expressividade do corpo. Da mesma forma, a música faz parte da corporeidade das crianças antes mesmo da alfabetização, então, torna-se um artefato fundamental para desenvolver atividades pedagógicas com crianças na Educação Infantil. Problematicamos neste estudo que a musicalidade ainda é relegada para um segundo plano ou asfixiada nas rotinas escolares das crianças. Evidenciamos que para além da mensagem verbal, sonora e rítmica traduzida pela música está inscrita nela o desenvolvimento da imaginação criativa, da intuição e da inteligência emocional da criança. Os resultados indicam que é necessário recuperar as dimensões da música com a comunicação, a sensibilidade e a arte de educar na escola, como uma forma de ampliar a fruição com os momentos da aula e com o mundo, manifestada constantemente pela expressão de sentimentos, pensamentos, ações planejadas, opiniões, atitudes reflexivas orquestradas, harmônicas ou descompassadas. Contudo, a educação musical pode contribuir no desenvolvimento global e evolutivo das crianças, desde que sejam respeitadas e reconhecidas as cadências próprias da multiplicidade de vozes e das diferenças.

Palavras chave: Educação Infantil. Música. Sentidos.

Abstract: Music is constantly present in our daily life and brings with it historical, social and cultural characteristics, being a form of expression, of communication, of reflection, that can excite, sprout feelings, memories and even upset, since musicality integrates human life and the relationships between music, gesture, rhythm and expressiveness of the body. In the same way, music is part of the corporeality of children even before literacy, so it becomes a fundamental artifact to develop pedagogical activities with children in Early Childhood Education. We problematize in this study that musicality is still relegated to the background or as phyxiated in children's school routines. We show that in addition to the verbal, sound and rhythmic message translated by music, the development of the child's creative imagination, intuition and emotional intelligence is inscribed in it. The results indicate that it is necessary to recover the dimensions of music with communication, sensitivity and the art of educating in school, as a way to increase enjoyment with the moments of class and with the world,

manifested constantly by the expression of feelings, thoughts, planned actions, opinions, or chestrated, harmonic or unbalanced reflective attitudes. However, musical education can contribute to the global and evolving development of children, provided that the cadences of multiplicity of voices and differences are respected and recognized.

Keywords: Early Childhood Education. Music. Senses.

Resumen: La música está constantemente presente en nuestro cotidiano y trae consigo características históricas, sociales y culturales, siendo una forma de expresión, de comunicación, de reflexión, que puede emocionar, hacer brotar sentimientos, recuerdos e incluso perturbar, pues la musicalidad integra la vida humana y las relaciones entre música, gesto, ritmo y expresividad del cuerpo. De la misma forma, la música forma parte de la corporeidad de los niños antes de la alfabetización, entonces, se convierte en uno artefacto fundamental para desarrollar actividades pedagógicas con niños en la Educación Infantil. En este estudio se discute que la musicalidad sigue siendo relegada a un segundo plano o asfixiada en las rutinas escolares de los niños. Evidenciamos que además del mensaje verbal, sonoro y rítmico traducido por la música está inscrita en ella el desarrollo de la imaginación creativa, de la intuición y de la inteligencia emocional del niño. Los resultados indican que es necesario recuperar las dimensiones de la música con la comunicación, la sensibilidad y el arte de educar en la escuela, como una forma de ampliar la fruición con los momentos de la clase y con el mundo, manifestada constantemente por la expresión de sentimientos, pensamientos, acciones planificadas, opiniones, actitudes reflexivas orquestadas, armónicas o descompasadas. Sin embargo, la educación musical puede contribuir al desarrollo global y evolutivo de los niños, siempre y cuando sean respetadas y reconocidas las cadencias propias de la multiplicidad de voces y de las diferencias.

Palabras clave: Educación Infantil. Música. Sentidos.

Introdução

*A música é o vínculo que une a vida do espírito à vida dos sentidos.
A melodia é a vida sensível da poesia. (Ludwig Beethoven).*

Buscamos por meio deste ensaio explorar as possibilidades expressivas da linguagem musical para aprendizagens significativas, suscitando novos sentidos ao aprender escolar, compreendendo sua abrangência formativa enquanto linguagem do corpo na Educação Infantil, que engloba a percepção, o sentir, o ver, o cuidar e os processos de amadurecimento dos estudantes, destacando os desafios e as possibilidades para os processos de ensino e de aprendizagem. Analisamos de que forma a musicalidade na Educação Infantil pode romper com as barreiras entre o cognitivo, o visual, o gestual e o sonoro, auxiliando no desenvolvimento comunicativo e na sensibilizando para novas relações de ensino e de aprendizagem.

Entendemos que a música faz parte da vida das crianças antes mesmo da alfabetização, que são diretamente envolvidas com a palavra, a expressão e o gesto, em suas diferentes

formas de comunicação. No entanto, a música está sendo colocada em segundo plano nas experiências musicais e artísticas nos processos de ensino e aprendizagem na escola. Tudo indica que a música está sendo um meio de comunicação e expressão que historicamente se desenvolveu, trazendo novidades ao conhecimento artístico e vital do meio social. A educação e as crianças fazem parte destas mudanças, pois a sensibilidade musical é a forma mais plena de relacionamento com o mundo existente.

Dessa forma, a música é uma linguagem conhecida pela criança, artefato cultural que jamais pode ser negligenciado na Educação. Diante desses debates, pensamos em ampliar o conhecimento musical na Educação Infantil, no sentido de favorecer a sua utilização com relação com a arte de educar. Nesse contexto, surge a preocupação deste trabalho, que visa contribuir com os debates pedagógicos sobre a importância da música na Educação Infantil, buscando enfatizar a necessidade de verbalização na escola, no sentido de completar o circuito de expressão-comunicação fundamental nesta fase da vida das crianças: como utilizar a musicalidade para trabalhar questões humanas da comunicação sensível, afetiva e emotiva na Educação Infantil? Por que a musicalidade ainda é relegada para um segundo plano ou asfixiada nas rotinas escolares das crianças? Temos nosso alicerce na abordagem hermenêutica reconstrutiva de Habermas (1987) voltada para o processo de interpretação de textos discursivos, para a construção de conhecimentos sistematizados pelos valores intersubjetivos da ação e interesses humanos. Freire (2005), entende que é essencial uma boa teoria, mas desde que esteja relacionada à prática. Desta forma, as reflexões têm o potencial de aclarar as ações pedagógicas, dando sentido a partir das decifrações para (re)transformar as práticas. Para Bellochio (2003, p. 20), “o educador musical precisa fazer/pensar música e ter condições de repensá-la com base em situações experienciadas e internalizadas no cotidiano de sua prática educativa”. Nesta perspectiva, a hermenêutica reconstrutiva nos viabiliza diferentes visões e discursos de mundo como questões inspiradoras e inquietantes para continuar o diálogo educativo com as diferenças e com a pluralidade de formas de pensar e agir no mundo socioeducacional. Conte (2012, p. 97) afirma que os debates educacionais, “para serem postos em prática, necessitam de uma atitude hermenêutica, pois exigem um trabalho interpretativo por parte dos atores, os quais atribuem sentido tanto por sua própria subjetividade como pelas situações vividas, que põem em movimento as fronteiras culturais”.

Habermas (1987, p. 86) indica que “a hermenêutica se ocupa com a interpretação como uma realização excepcional [...], que só se torna necessária quando relevantes setores do mundo da vida [...] ficam problemáticos, quando certezas do fundo culturalmente ensaiado se

rompem e os meios normais do entendimento falham”. Habermas entende que por meio de um empenho hermenêutico é possível assimilar os conhecimentos e fruí-las para as práticas do mundo da vida, ultrapassando os desajustes das limitações cognitivas-instrumentais, que enfraquece os processos estéticos expressivos (como no caso da música, em análise) quando sua utilização se transfere para as contingências e preocupações técnicas. Habermas (1987, p. 85) diz que “Gadamer é o primeiro a acentuar o caráter aberto [...] do diálogo. Dele todos nós podemos aprender a sabedoria fundamental hermenêutica, de que é uma ilusão achar que alguém possa ficar com a última palavra”, ressaltando a importância para abertura às diferenças e à alteridade, para o processo de compreender e de interpretar criticamente as perspectivas que estão em voga (HABOWSKI; CONTE; PUGENS, 2018). Para Habermas (1987, p. 21-23), a “língua também é *medium* de dominação e de poder social. Ela serve à legitimação de relações de violência organizada”, já que uma metamorfose de produção desencadeia necessariamente uma reestruturação linguística das visões interpretativas.

Cabe destacar que Habermas (1987) reconhece a hermenêutica enquanto possibilidade para a (re)construção do conhecimento e não nas suas limitações marcada pela autoridade e determinações, revelando seu caráter emancipatório da razão, como condição para questionar e debater a tradição dos processos de ensino e de aprendizagem, questionando suas legitimidades e refutá-los quando não são capazes de justificação. Nesse sentido, durante a pesquisa foram levados em conta diversos fatores que tornam a musicalidade um dispositivo interdisciplinar e que aborda diversas questões, tais como, psicológicas, motoras e sociais, por se tratar de algo no qual cada sujeito agrega sentidos pessoais, culturais e diferentes significados. Esse caráter subjetivo que a música possui a torna um objeto de pesquisa que requer sensibilidade para percepção de suas diversas variações de utilização. Bellochio (2003b, p. 42) destaca que as pesquisas sobre a música na educação vêm sendo bastante debatido, mas que “a ênfase sobre a pesquisa em educação musical não está esgotada e não deverá sê-la, por conta da própria dinâmica que a constitui, ou seja, as relações que emergem da tríade música(s), homem(s), educação(ões)”.

A música supera o estado de despersonalização, inserindo a criança no meio ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo. A sensibilização musical aproxima as crianças de novas linguagens e relações com os saberes no contexto de um ensino enquanto um ato criativo. Assim sendo, destacamos a música como grande potencial para a promoção da criatividade na Educação Infantil, uma vez que causa a ruptura de modelos educativos, levando a significativos impactos sociais, surgimento de novos comportamentos aprimorados

criativamente por tais produções culturais. Nesse sentido, a hermenêutica enquanto atitude metodológica visa garantir a fusão de horizontes para fazer uma leitura estética da educação e para entrar no universo interpretativo da música na tradição cultural, recuperando os sentidos da música na educação e nas criações humanas. Daí que a dimensão hermenêutica provém da abertura à linguagem do outro, que faz brotar novos sentidos, curiosidades, significados na dimensão política de oferecer diferentes possibilidades aos estudantes. A pesquisa visa contribuir para a construção de ações de humanização nos processos formativos, de reflexão sobre as experiências educativas e de autonomia para a elaboração de projetos pedagógicos que envolvam os impulsos musicais em comunidades de investigação cooperativas nos ambientes escolares.

Sobre a arte musical na educação infantil...

A Música era uma disciplina específico obrigatório nas escolas de 1931 a 1971, sendo extinguido e modificado, transformando-se em Educação Artística com a Lei 5.692/71, gerando conflitos e incertezas no ensino da música na educação brasileira, que passou as aulas de música passaram a ser oferecidas por professores sem a formação específica. Desta forma, as aulas de Educação Artística geraram confusões, ora sendo entendidas como descanso das aulas tidas como mais sérias, como lazer, terapia, período para as decorações dos murais da escola, de preparar as festas e datas cívicas, confeccionar presentes para o dia das mães, dos pais, fazer a árvore de natal, além de memorizar *musiquinhas*, fazer *teatrinho*, etc. (DUARTE JUNIOR, 2003).

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, no artigo 26, inciso 2º, afirma que: “O ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996). Portanto, a LDB estabelece a obrigatoriedade do Ensino de Arte, com o intuito de aprimorar o pensamento artístico, a criatividade e a sensibilidade estética, integrando as características de cada linguagem. No entanto, mesmo com a criação das novas diretrizes, ainda persistem resquícios da extinta Educação Artística, fazendo-se presente nas escolas, como destaca Duarte Junior (2003, p. 81-82):

A arte continua a ser encarada, no interior da própria escola, como um meio de lazer, uma distração entre as atividades “úteis” das demais disciplinas. O próprio professor de Arte é visto como “pau pra toda obra”, como um “quebra galho”. Frequentemente ele é obrigado a ceder suas aulas para

“aulas de reposição” de outras disciplinas, quando não lhe é delegada a incumbência de “decorar” a escola e os “carros alegóricos” para as festividades cívicas.

A Lei 11.769/2008, que altera a Lei 9.394/96, estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de Educação Básica, que foi extinto em 1971. Desde então, surge a necessidade de criar metodologias que sejam adequadas ao ensino de música na contemporaneidade. Desta forma, iniciemos nossa reflexão afirmando que a música pode ser utilizada de forma equivocada nos processos educacionais, no sentido de repetir práticas já internalizadas pelas crianças sem significados reais, bem como também pode vir a se tornar um recurso de desenvolvimento intelectual, psicológico, físico e emocional, e como fator revelador de situações de risco para a criança, elucidando questões neurológicas e barreiras de fala, por exemplo. Lembrando que a música não envolve somente instrumentos musicais e canto, existe a música que brota do nosso corpo (as batidas do coração, a respiração, o bater palmas, bater os pés, etc.), a música dos movimentos, dos sons urbanos e rurais, além das vibrações muito sentida e admirada por aqueles que não podem ouvir. Realizar atividades pedagógicas com a música auxilia na sensibilidade das crianças, na memória e concentração, questões importantes para o processo de raciocínio, alfabetização e letramento. A música tem o potencial de estimular as áreas do cérebro da criança ainda não desenvolvidas por linguagens, como da escrita e a oral. Cage (1985, p. 5) explica que,

[...] a música não é só uma técnica de compor sons (e silêncios), mas um meio de refletir e de abrir a cabeça do ouvinte para o mundo. [...] Com sua recusa a qualquer predeterminação em música, propõe o imprevisível como lema, um exercício de liberdade que ele gostaria de ver estendido à própria vida, pois tudo o que fazemos (todos os sons, ruídos e não sons incluídos) é música.

A relevância de desenvolvermos estudos nesta área, se dá pela forte presença da musicalidade na vida humana e a existência de inúmeras formas de sua utilização na Educação, visto que tudo pode ser analisado e desenvolvido com a música. A música está presente em cada momento das nossas vidas, desde os sons do corpo materno ainda no útero, passando por músicas de ninar quando os bebês ficam tranquilos e estabelecem laços de afeto ao som de uma delicada canção. Depois, na escola, a música faz parte da brincadeira, e na adolescência e juventude a música se torna a resposta para muitas dúvidas, conflitos existenciais, paixões oníricas, dando sentido ao que é confuso, abstrato e que não encontra significado nas palavras, pois é da ordem do sentimento. Neste percurso, quando chegamos na

vida adulta a música já é parte de nós. Fazendo uma contextualização histórica, Carvalho (2005, p. 34) destaca que:

Até hoje, todo conhecimento que se conservava sobre a música antiga chinesa remonta 3 mil anos antes de Cristo. O povo chinês atribuía e atribuiu à música, uma importância vital e sagrada, reconhecendo seu maior valor no efeito moral que produz nos homens. Daí a preocupação dos governos, de que o povo ouvisse música de qualidade para que não se degradasse. Acreditavam também que a música poderia interferir diretamente na saúde do corpo físico.

Sendo assim, a música teve ao longo da história, em diferentes civilizações, uma importância vital na formação do ser humano, já na Grécia Antiga, por exemplo, o ensino de música era obrigatório. Ela fez parte de rituais religiosos ou profanos, de funerais, de festas e guerras. Para ilustrar, vemos na história do povo hebreu, como conta o Velho Testamento, que com o soar de suas trompas colocaram abaixo os muros de Jericó. A música possui formas, desperta sensibilidades, traz sentidos e sentimentos, utilizando-se de diferentes recursos e sonoridades, para provocar sensibilizações humanas. A presença da música é constante na vida humana e em diferentes ocasiões, seja de forma concreta ou abstrata, quando não a identificamos propriamente como música mesmo que tenha a presença de sons ou de vibrações que podem ser familiares ou não, que geram associações, nos guiam a interpretações, pelo simples som corrente da natureza, do abrir a porta, do vento, dos passos, dos carros passando, dos sons que o próprio corpo produz e dos sons que produzimos e realizamos.

É importante ressaltar também que por meio dos sons expressos pelas crianças (ou mesmo adultos) podemos detectar possíveis problemas: neurológicos, de comportamento, sociais ou familiares. A música é uma arte, e arte é emoção de livre expressão e interpretação. A criança precisa ter liberdade para expressar-se na escola. A música na infância pode ser encarada como uma forma de brincadeira e diversão, porém, se tornamos este momento uma sequência de atividades repetitivas e estagnadas, sem dar relevância à realidade, diferenças de idade e gostos, tudo então acaba por perder o encantamento e a ludicidade, tornando-se um momento de frustração, distante, fechado à imaginação, que inibe os sujeitos, destruindo a subjetividade e a singularidade do recurso musical. Na verdade, a repetição de sons, assim como de conteúdos escolares, condiciona comportamentos e tornam superficial um tema tão abrangente como a música. A expressividade sonora de uma criança pode superar barreiras da fala, como a gagueira ou mesmo a dislalia (trocas de letras), associada a possíveis frustrações, traumas, excessivo nervosismo ou impaciência. Exemplo disso é apresentado no filme “O

Discurso do Rei”¹, baseado em fatos reais, cujo problema de fala do rei George VI foi originado por traumas de infância e teve sua correção e melhora no proferimento das palavras por meio da musicalidade. De acordo com Mariano (2015, p. 5),

A educação sonora e musical de crianças de dois a três anos de idade é tarefa que exige mais do que ter uma formação universitária, ou simplesmente gostar dos pequenos. Necessita observação, planejamento e reflexão por parte dos educadores, para que se possa auxiliá-las no desenvolvimento de suas múltiplas inteligências, em seus aspectos cognitivos, sociais e emocionais.

A musicalidade tem uma subjetividade que torna suas possibilidades de uso infinitas, e possui efeito terapêutico em crianças com autismo, por exemplo, como fala Avila (2016, p. 7), sendo uma terapia extremamente eficiente.

A pesquisa indica que a música e as canções produzem efeitos terapêuticos em crianças com autismo, que os mesmos podem ser compreendidos em suas dimensões intrapsíquica, intersubjetiva e sociocultural. A oficina de música contribui também para o desenvolvimento da função psíquica da voz e a flexibilização do desenvolvimento de células musicais em motivos e figuras mais complexos. Também gera possibilidade de imitação, sincronização e coordenação de movimentos, facilitando a interação social entre seus participantes. Uma das dinâmicas que produziram engajamentos sociais mais intensos foi a construção em grupo de narrativas a partir de ideias musicais e temáticas trazidas pelas crianças.

Por ser uma abordagem sutil, a musicalidade consegue transpassar barreiras de comunicação e pode ser utilizada como facilitadora nas interações. Ao abordar a questão das múltiplas inteligências, por exemplo, considera-se que uma das perspectivas da musicalidade busca trabalhar de uma forma prazerosa e exploradora a educação musical em suas diversas temáticas, restaurando noções matemáticas, literaturas, ciências, espaços e tempos, no entusiasmo de conceitos musicais, culturais e de expressividade corporal. Mariano (2015, p. 29) explica:

Howard Gardner apresenta sua concepção de que existe uma inteligência musical autônoma, isto é, que se apresenta de forma independente de outros potenciais humanos, embora sempre se relacionando com outras formas de intelecto. A partir do pressuposto de que a habilidade musical é a inteligência que se apresenta mais cedo – dentre outras que podem estimuladas no indivíduo -, ele aponta os componentes centrais desta inteligência: timbre, tom, ritmo e emoção.

¹ O DISCURSO do rei, filme, escrito por: David Seidler. Direção: Tom Hooper. Ano: 2010. Trailer disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-175305/trailer-19172005/> Acesso em: 16 fev. 2018.

Na Educação Infantil é importante destacar que a música está presente de diversas formas e com diferentes gêneros, em culturas e tempos diversificados. Podemos perceber sons que brotam ao nosso redor e que provêm de nosso próprio corpo. Afinal, a criança pequena está em pleno desenvolvimento de sua identidade e necessita da experimentação para reconhecimento de seus gostos e construção de seu conhecimento. Portanto, precisa de interação com esta diversidade musical. O professor na Educação Infantil precisa, por sua vez, procurar elementos que tornem este momento de apreciação musical significativo para as crianças, para que se reconheçam como ouvintes e produtores de música. É fato que os recursos técnicos dentro da rede pública de ensino para a educação musical são precários, entretanto, os educadores e educadoras buscam meios criativos para desenvolver a musicalidade com os pequenos, por meio de diversos instrumentos confeccionados fazendo uso de materiais recicláveis, o que torna ainda mais significativos os processos educacionais. A presença da música na sonorização de contos infantis é de suma importância, pois a ludicidade interliga as atividades pedagógicas, relacionando sensibilidade e razão e como potencial de ensino e de aprendizagem às crianças. Para Malotti (2014, p. 27), “o conceito de aprendizagem criativa considera que todas as crianças são capazes de realizações criativas em condições favoráveis, ou seja, reconhece a capacidade das crianças serem investigadoras confiantes, construtoras de sentido e tomadoras de decisão”.

Assim, uma sociedade com variadas formas de comunicação e informação no mundo das linguagens, pode tender para novas produções criativas. Com a popularização da música, temos identificado uma significativa contribuição para os potenciais criativos nas práticas pedagógicas, especialmente reconstruindo as competências criativas dos estudantes por meio do uso dos artefatos, gerando situações de aprendizagem desde a Educação Infantil, quando são oportunizadas interações com outras propostas interdisciplinares de trabalho pedagógico, tendo em vista que,

A organização da prática pedagógica de maneira lúdica e interdisciplinar poderá contribuir significativamente para ações mais adequadas às necessidades e demandas sociais, caracterizadas como espaços e ambientes dialógicos. Educar exige conhecimento, firmeza e sensibilidade, mas também leveza em ambientes compartilhados com alegria, permitindo, dessa forma, que a educação pulse e brilhe com toda a sua intensidade e luz diante das possibilidades e sonhos, proporcionando e representando a vida em cada aluno ao sorrir. (MEDINA, 2012, p. 437).

Tudo isso tendo em vista a criação de capacidades criativas e amplificadas, por meio de uma educação diversa e atraente, suscitando uma reinvenção frequente dos saberes,

promovendo sujeitos mais ativos, confiantes e persistentes de um bem-estar interpessoal no meio social. Contudo, o profissional da Educação Infantil precisa estar atento e estimular as diversas formas de trabalhar a música com as crianças, de forma prazerosa e significativa, sendo renovador de práticas e dando acesso ao contato com as experiências sensíveis dos diferentes sons e ritmos.

Os benefícios da musicalidade na Educação Infantil

O educar está associado às aprendizagens em todos os momentos, que se dá nas brincadeiras e experiências sociais, de projetos e ações lúdicas para que a criança desenvolva seu potencial intelectual, sensível e criativo. Esses pressupostos são norteadores da prática do professor e contribuem para o desenvolvimento psicomotor, afetivo, cognitivo e social da criança por meio das interações com outras crianças e adultos.

O A criança, desde muito cedo se relaciona com os sons, ritmos, melodias, além de gostarem de ouvir e cantar músicas, aprender uma canção, brincar de roda e dançar. Na verdade, estas são as atividades que despertam, estimulam e desenvolvem além do gosto musical, a convivência, a criatividade, a socialização e a inclusão, fazendo com que a criança interaja com as demais. ensino por meio de música é importante na Educação Infantil, já que faz parte do viver, enquanto uma das formas de relação subjetivas, intersubjetivas e com toda esfera social. Afinal de contas, somos seres humanos musicais, e a inter-relação dialética que criamos com silêncios e sons no tempo e espaço, trabalha dimensões humanas que por si só são bastante significativas, e fazendo música, trabalhamos todas as esferas do corpo e mente, o que é essencial. Sendo assim, a dimensão musical precisa ser uma atividade pedagógica que busque promover o conhecimento no ambiente escolar, de forma lúdica, dinâmica, significativa, prazerosa e plena de sentidos sensíveis.

Desde o início deste século, muito se tem falado sobre a importância da música no ambiente escolar, das suas possibilidades enquanto área de conhecimento específico. É comum observar que a música na sala de aula passa a ser utilizada para combater atividades mais cansativas, ou até mesmo serem usadas apenas em datas comemorativas. Quando as outras áreas do conhecimento, em geral, são consideradas prioritárias, necessitando de maior tempo e dedicação, estabelecendo nas dimensões musicais os princípios de lazer e de fruição para as atividades artísticas. Observou-se nas diretrizes gerais, a necessidade de que a música esteja inserida como uma disciplina no currículo escolar, com características de linguagem

específica, critérios de avaliação e possibilidades de expandir os conhecimentos, por meio da experimentação das sonoridades, como um dos elementos formadores das crianças.

No entanto, essa questão está longe do que vemos atualmente na educação, quando a música somente tem o objetivo de preparar um repertório musical para ser apresentado em comemorações cívicas ou religiosas, como dia das mães, Natal, formaturas, etc. Esta postura será tomada por aqueles professores musicais que de fato acreditam nas potencialidades da educação musical, enquanto meio efetivo na formação das crianças, levando em consideração a valorização da cultura musical e rítmica que integra a vida das crianças, dentro e fora da escola, e que é capaz de contagiar a educação pela arte musical. A dimensão estético-expressiva presente na música possibilita que a criança se construa e se reconheça como um ser social, por meio dos conhecimentos musicais adquiridos.

Sendo a música algo presente na vida diária de alguns povos, ainda hoje é tocada e dançada por todos, seguindo costumes que respeitam as festividades culturais e os momentos próprios a cada manifestação musical. Nesse contexto, as crianças entram em contato com a cultura musical desde muito cedo e assim começam a aprender suas tradições musicais. Mesmo que as formas de organização social e o papel da música nas sociedades modernas tenham se (re)transformado, algo de seu caráter ritual é preservado. Basta lembrar como certas tradições marcadas pelo ensinar a fazer por imitação e *por ouvido* acabam orquestrando os saberes com as experiências da intuição, ou seja, conhecimento prático e transmissão oral. Essas questões precisam ser consideradas ao se pensar na aprendizagem, pois o contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida é um importante ponto de partida para o processo de musicalização.

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos, são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de responderem as necessidades de expressão, que passa pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências sociais que envolvem interação, convivência, percepção e reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados. Camargo e Bulgacov (2008, p. 474) sugerem o trabalho com a música por meio de oficinas, na seguinte perspectiva:

Em uma oficina de música o professor poderia desempenhar o importante papel de construção dos vínculos com a comunicação musical, propiciando aos alunos experiências criativas, auditivas e perceptivas com a música. Aqui, ressaltamos o aspecto expressivo da música e marcamos sua função de expressão e comunicação da imaginação e de sentimentos. A oficina de música pode propiciar, ainda, experiências criativas de execução,

desenvolvimento da capacidade de escutar, atenção concentrada e compreensão auditiva.

Quando se fala em trabalhar com a música, Paranhos (1996) diz que é interessante conversar com as crianças sobre quais são os estilos musicais que mais gostam. A partir desse diálogo, o professor tem condições de se aproximar de sua realidade, buscando relacionar o conteúdo estudado com a cultura e vida cotidiana das crianças. No entanto, é importante ressaltar que as músicas são fontes para (re)análises, e não um momento de pura distração. Os professores precisam considerar o público ao qual se destina, escolhendo uma música que apresente relações com o que está sendo desenvolvido na práxis cotidiana e que possa também explorar os significados e sentidos das diferentes letras musicais.

Evidentemente, não é qualquer música que se permite decodificar por qualquer público. Sempre devemos levar na devida conta a suposta adequação/inadequação entre o conteúdo, o continente e a clientela. [...] À medida que se avança no grau de escolaridade, por exemplo, pode-se recorrer a canções com maior sofisticação e complexidade interpretativa. (PARANHOS, 1996, p. 13).

Dessa forma, a formação musical precisa fazer parte dos processos de ensino e de aprendizagem como possibilidades para as interações com o mundo voltado à criação comunicativa do professor com as crianças. Quando a música é entendida pelos professores como fonte de ensino e de aprendizagem, as ações mais comuns realizadas cotidianamente transformam-se em vivências capazes de estimular o desenvolvimento da sensibilidade e da dimensão cognitiva, além de possibilitar a relação da música com a experiência do brincar, dos sentimentos, das emoções e dos desejos, num sentido semelhante à criação artística. As instituições de ensino, sendo o local de encontro de culturas, visões de mundo e estando abertas às diferentes formas de expressão, precisam reavaliar suas práticas pedagógicas para que a música na Educação Infantil colabore na construção de uma sociedade em que prevaleça o respeito à criatividade e ao processo artístico. Dessa forma, o trabalho desenvolvido com a música no cotidiano escolar pode estimular o desenvolvimento de habilidades e competências criativas nos estudantes.

Compreendemos aqui a criatividade no sentido da (re)construção de conhecimentos, metamorfoseando, inovando e procurando manifestar o potencial criativo em seus afazeres, implicando uma nova realização, seja o aperfeiçoamento de invenções ou conceitos já existentes (HABOWSKI; CONTE, 2018). Mas, infelizmente, no decorrer da história humana, a inteligência criativa tem sido subestimada e desconsiderada, por meio de uma educação que valoriza a reprodução de ensinamentos em paradigmas da razão e faz pouco caso para manter

viva a curiosidade epistemológica, da criação de conceitos, intuição, gestualidade, sentidos, imaginação, emoção, que a música muito bem é capaz de desenvolver. Poucas vezes a educação é direcionada para a autoconfiança e autoestima da criança, como uma arte que se refere à vida dos sujeitos, às suas vivências estético-expressivas, à história da humanidade e à vida social artística. Nesse contexto, a música na Educação Infantil se apresenta como elemento de grande importância na formação global da criança, sendo essencial na educação da primeira infância. Levando em consideração a amplitude de oportunidades que a música oferece, infelizmente, na tradição escolar o ensino das artes tem sido desconsiderado em relação às demais disciplinas curriculares.

A noção de criatividade nos adverte para a importância de considerar a conjuntura sociocultural das crianças, quando se almeja de fato suscitar uma educação musical, menos técnica e passiva, tornando-a mais humanizadora, libertária e ativa para a manifestação da criatividade, autonomia e constituição de sentido na reinvenção pedagógica. De acordo com a visão de Freire (2005, p. 83), a educação libertadora ou problematizadora “se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeiras de homens e mulheres sobre a realidade, responde a sua vocação, como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora”. Freire defende um certo cuidado para não tornar a sala de aula um espaço propício a uma educação bancária, de codificação prévia, em que os estudantes são considerados como recipientes para depósito de informações, inibindo, ingenuamente, a capacidade criativa.

A música, nesse sentido, pode representar uma potencialidade no campo da educação e do trabalho pedagógico, tornando as aulas mais dinâmicas e o aprendizado prazeroso, visto que as músicas têm dimensões complexas que permite a relação com diferentes temporalidades, enredos e linguagens, que constituem as experiências das crianças nas práticas socioculturais de ligações inesperadas na multiplicidade e nas diferenças. Gadotti (2000, p. 9) nos alerta que:

A escola está desafiada a mudar a lógica da construção do conhecimento, pois a aprendizagem agora ocupa toda a nossa vida, [...] e porque passamos todo o tempo de nossas vidas na escola – não só nós, professores – devemos ser felizes nela. A felicidade na escola não é uma questão de opção metodológica ou ideológica, mas sim uma obrigação essencial dela.

O processo de aprendizagem acontece diariamente na vida de todos, seja por meio das percepções, pelas expressões artísticas, pelos meios de comunicação ou pelas relações interpessoais. Então, é importante entender que os conhecimentos podem acontecer por

diversas formas de sensibilidade nas esferas sociais e abranger sujeitos de todas as idades, classes sociais e níveis de leitura da realidade, pelos modos de ver, sentir e agir no mundo. A música é considerada um veículo de comunicação no que tange à transmissão de sentimentos, emoções, formação de sentidos, linguagens e sensibilizações das pessoas, por ser de fácil compreensão, agradável e divertida. Reimer (2003, p. 99) evidencia isso no seguinte sentido,

O que nós precisamos para ir além do fluxo dinâmico de nossa subjetividade, é um instrumento para abarcar o sentimento para que não se perca, um meio para fixá-lo. Nós precisamos ‘materializar’ o sentimento, isto é, fixá-lo em uma entidade que permaneça como é. Então o que podemos fazer? Você adivinhou: nós podemos capturá-lo em sons musicais – melodias, ritmos, cores de tons, harmonias, texturas, formas.

O acesso aos saberes vai além da leitura de textos e da escrita propriamente dita, sendo necessário ampliar os horizontes e explorar as fronteiras da escuta sensível, da compreensão do texto, num processo hermenêutico presente nas letras das músicas e nas sensações que elas despertam. Conte (2012, p. 179) entende que “a musicalidade, a corporeidade e a plasticidade podem parecer invisíveis, mas estão plenamente presentes na constituição da prática pedagógica”, em termos de “analogia com a arte musical, podemos pensar que a fala é música; e as letras, sílabas e palavras são as notas musicais. Vemos que os conhecimentos musicais tornam-se um excelente recurso para o professor trabalhar um texto na escola por exemplo”. Dessa forma,

A emoção do texto está vinculada à sua musicalidade, pois é no entendimento das variações da fala que acontecem o movimento, o tempo, o ritmo e o som. Assim, os elementos do universo musical podem desenvolver habilidades para a leitura de textos, na descoberta das possibilidades rítmicas, de entonação e intensidade, indispensáveis para compreender um texto artístico. Tudo produz som; a fala, o corpo, a emissão da voz (timbre, tom e duração, entre outros), dando à palavra, a força e o significado adequados para ensinar ao educando a reconhecer a musicalidade da fala. Isso porque não é possível que um excelente professor seja desprovido de qualquer talento musical e corporal, uma vez que tal excelência depende também da sua habilidade em ouvir, em perceber o ritmo de uma fala ou de um gesto, em descobrir a entonação (melodia) correta de sua voz para que ela traduza determinada emoção e não outra. Confirmando a importância das linguagens artísticas para o desenvolvimento de habilidades necessárias ao agir pedagógico, vemos a educação como articuladora de sons, pensamentos e dos sentimentos. (CONTE, 2012, p. 180).

A música, por sua vez, também age de forma sutil e sensível, podendo ou não estar atrelada a um conto, a uma brincadeira de roda ou mesmo aos sons do próprio corpo, estando sempre presente. E porque não dizer, então, que a música é uma forma de brincar? Levando-

se em conta, por exemplo, o desenvolvimento auditivo da criança, o trabalho com a música, os sons e os ruídos, percebemos que também são essenciais para a sua noção espacial e para o desenvolvimento da fala, mas sem dúvida, a música é uma forma de brincar que pode ter diversas funcionalidades dentro da Educação Infantil. É difícil falar de educação sem mencionar a ludicidade que é necessária para o desenvolvimento contínuo nos projetos e atividades propostas.

A música, na educação infantil mantém forte ligação com o brincar. Em algumas línguas, como no inglês (to play) e no francês (jouer), por exemplo, usa-se o mesmo verbo para indicar tanto as ações de brincar quanto as de tocar música. Em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois é fonte de vivências e desenvolvimento expressivo musical. (BRASIL, 1998, p. 71).

Por meio da brincadeira a criança expressa sua forma de pensar, interagir, organizar, relacionar e problematizar. O brincar é essencial para o desenvolvimento do ser humano. O fascinante da brincadeira é a recriação que a criança faz por meio da fantasia para sua realidade, seus sonhos, seus desejos, construindo assim a sua singularidade. Desta forma, as crianças acabam integrando à música outras brincadeiras e jogos, pois, “cantam enquanto brincam, acompanham com sons os movimentos de seus carrinhos, dançam e dramatizam situações sonoras diversas, conferindo “personalidade” e significados simbólicos aos objetos sonoros ou instrumentos musicais e à sua produção musical” (BRASIL, 1998, p. 52). Para Lino (2010, p. 81),

A música das crianças é o barulhar, ação imprevisível e indeterminada que flui na diversidade de um corpo que se lança à sensibilidade de soar... a música não opera somente com sons, mas com a escuta como dimensão poética que invade os tempos livres ou as brechas provisórias da instituição para ressoar singularidades plurais.

Antigamente, a criança era vista como um ser passivo, simplesmente um receptor e assimilador de informações, não era considerada um indivíduo pleno de inteligência e capaz de produzir conhecimento. Hoje, voltando o olhar para as crianças, verificamos que elas estão diferentes e que o brincar tem uma sutileza ao abordar temas importantes de forma prazerosa e espontânea. As ações lúdicas nos possibilitam observar o estado emocional da criança, sua forma de interação, de ver o outro e perceber a maneira como a mesma vê a si própria também. Da mesma, a Educação Infantil, para ressaltar o caráter criativo, precisa

compreender a importância da fantasia, da capacidade de colocar ideias curiosas e de humor, de cantar, dançar e brincar, instigando sempre a perspicácia de questionar e reestruturar informações, transformando-as em saberes vitais.

A fantasia faz parte do universo infantil e o professor precisa estar sensível a isso. Nesse contexto, podemos salientar que a musicalidade permite o desenvolvimento lúdico das brincadeiras que as crianças precisam, ao mesmo tempo, o brincar de música é um fator fundamental na construção das identidades, a criança descobre-se como produtor sonoro, e tenta compreender o mundo por meio de sua própria percepção, pois a música traz à tona gostos, sensibilidades e afinidades além de abordar questões neurológicas, psicológicas, sociais e comportamentais das crianças de maneira sutil, sem que a mesma se sinta invadida. Nesse viés, o professor pode tornar-se um facilitador e possibilitar que a criança seja protagonista da construção da aprendizagem.

Desta forma, as músicas são extensões da nossa mente, do nosso corpo, fazendo-se nelas a manifestação da criatividade humana. O ambiente escolar (e a sala de aula) está inscrito nesse movimento dinâmico para desenvolver a criatividade, fortalecer capacidades e talentos humanos, uma vez que a escola é promotora de uma sociedade plural (ou deveria ser), com uma formação holística que percorre os mais variados campos do conhecimento, como a música, as artes, as múltiplas linguagens e o aprimoramento de relações interpessoais. O resultado disso é um trabalho colaborativo, aprimorado e modificável pela comunicação, gerando estimulação intelectual e emocional na relação com o outro, ajudando assim no desenvolvimento humano e na (re)criação - um dos mais importantes requisitos para a inovação na contemporaneidade.

A música compõe a história das pessoas no mundo, e por isso, a experiência musical tem marcado a humanidade e encantado as novas gerações, visto que as músicas nos possibilitam criar e tocar instrumentos, usando a música como uma forma de expressão que retrata ideias, costumes, sentimentos e condutas sociais. O trabalho pedagógico de educação musical com crianças vai além de uma forma de expressão e interação entre os colegas, mas é uma possibilidade para o desenvolvimento de dimensões cognitivas, habilidades motoras, conceitos e aquisição de linguagens, auxiliando na formação integral das crianças. Assim, a música fortalece os estímulos visuais, sensoriais, perceptivos e reflexivos nos processos de ensino e de aprendizagem na Educação Infantil.

A música, enquanto área de conhecimento, expressão de linguagem, das dimensões estéticas e expressivas, tem sua relevância para o desenvolvimento psicossocial, cognitivo,

afetivo, motor e de sociabilidade das crianças. Além disso, através da música, a criança expressa seus sentimentos, suas emoções, troca e amplia saberes. A educação musical na infância precisa convergir para a experimentação das crianças, no sentido que elas desfrutem a riqueza da cultura musical como estímulo ao desenvolvimento da fala, da inteligência emocional e afetiva das crianças. Nesse cenário, o professor necessita de conhecimento e planejamento, para estimular as crianças a aprenderem e conhecerem sobre as distintas manifestações musicais, tornando o processo de ensino e aprendizagem atraente e sensível. Ao viabilizar o acesso e a experiência da criança com a música na instituição de ensino, ela conhecerá mais sobre os diferentes estilos musicais, ampliando as experiências rítmicas e explorando a pluralidade de sentidos e experiências.

Os desafios da música na Educação Infantil

Embora sejam inúmeras as contribuições da música na Educação Infantil, como destacamos no tópico anterior, lamentavelmente ainda são poucas as instituições de ensino que propiciam e ampliam essas práticas no cotidiano escolar, e o motivo pode ser pela grande carga transdisciplinar que permeia a música, na qual gera processos de aprendizagens novas, causando, desta forma, os riscos e desafios da nova descoberta. É possível pensar que um dos motivos para que a música não seja contemplada na prática pedagógica, esteja no fato de que muitas vezes esbarra no conformismo e no conteudismo de ações pedagógicas impessoais, entendendo que certamente desta forma, o retorno de aprendizagem das crianças é decisivo. São questões que a educação musical precisa se abrir, pois em dimensões formativas,

[...] não pode deixar de reconhecer a fecundidade da experiência do estranhamento, pela constante necessidade de ruptura com a situação habitual, como exigência para penetrar no processo compreensivo. Assim, a desorientação e a desestabilização, que tanto mal-estar provocam pela quebra da regularidade metódica – que se orienta por uma expectativa de comportamento correto –, se constituirão em produtividade de sentido. (HERMANN, 2002, p. 65).

Sem dúvida, um trabalho pedagógico que supervaloriza o conhecimento abstrato tende a desvalorizar o saber sensível, estético-expressivo e singular, próprio da capacidade humana de sentir o mundo e de conferir à realidade um sentido. Além disso, as potencialidades da música na Educação Infantil esbarram na insensibilidade, no profundo descaso e na desvalorização da arte, seja por meio de políticas públicas que incentivem as escolas e formem professores para que se invista mais nessa prática de impulso lúdico, seja pela própria

cultura que tem levado à regressão humana de viver junto com os outros, de formação à cidadania.

A performance do professor acontece de acordo com a dinâmica da sala de aula, mobilizando os professores muitas vezes para uma (re)organização metodológica, que faz com que realize pesquisas mais aprofundadas inclusive no seu sentido epistemológico. Desta forma, é necessário oferecer na formação de professores bases teóricas e práticas que auxiliem a utilização da música em sala de aula. No entanto, as universidades estão a passos lentos na inclusão de como trabalhar por meio da música com as crianças para beneficiar a demanda de dar conta de diferentes perfis estudantis em sala de aula. A questão da formação dos professores de música no Brasil é um assunto relevante, tendo em vista que esses debates recebem destaque nas universidades, para a atuação dos professores nas escolas de Educação Básica. Bellochio (2002, p. 46) destaca que:

Entendemos, assim, que o contato com a atividade de docência é fundamental para o aluno em formação inicial. A antecipação, com a situação escolar como um todo, para além do espaço da sala de aula, possibilita que a tarefa educacional seja entendida em sua complexidade. O aluno em formação inicial, na universidade, deve estar em contato estreito com a realidade escolar, buscando uma aproximação entre as teorias e as práticas educacionais, superando visões de *formação como receituário* ou de *práticas educativas como ativismos*.

A práxis pedagógica tem potencial integradora, que promove uma tensão entre a teoria e a prática. Quando trabalhado de forma séria, as graduações em licenciaturas ou os cursos de formação continuada são hoje os diferenciais para a prática do professor para sua atuação com a pluralidade estudantil. Muitas vezes acontece que o professor que não recebeu ou não aperfeiçoou as habilidades necessárias para atuação com a música. Na graduação, os licenciandos não recebem a formação que contemple essa pluralidade em que irão lecionar, pois a disciplina de artes compreende Música, Teatro, Dança e Artes Visuais. As pesquisas referentes à formação do professor de música apontam que projetos curriculares contemplem uma formação de professores que tenham condições de atuação na no ensino de música. Nessa perspectiva, Bellochio (2003a, p. 18) afirma:

É inegável que, ao longo dos anos, no Brasil, avanços na questão da formação e ação do educador musical ocorreram. Novos trabalhos de pesquisa e práticas educativas, da educação infantil ao Ensino Superior, foram se constituindo, políticas educacionais foram organizadas e direcionaram percursos. Contudo, algumas questões ainda estão muito presentes e precisam ser debatidas, tanto na academia quanto na escola. Dentre essas: formação: que concepção? Existe uma concepção para a

formação de professores de educação musical? Ou, ainda, existem particularidades na formação de educadores musicais? Que universos têm transversalizado a formação do educador musical? Se não temos uma educação musical, mas um conjunto de loci em que se produzem educações musicais, podemos pensar em que formação? Que saberes compõem o conhecimento do professor?

Os resultados demonstram que a música é utilizada a partir de compreensões desapropriadas de intencionalidades pedagógicas (atividades sem finalidades e descontextualizadas), sem um planejamento de aula. Da mesma forma, os professores não recebem formação profissional nos cursos de graduação para atuar e incentivar experiências musicais e quem recebe essa formação, normalmente é superficial e insuficiente para o desenvolvimento pleno e significativo de atividades pedagógicas. Os professores não possuem conhecimentos sobre a legislação vigente acerca do ensino da música, mas a principal dificuldade para realizar as atividades musicais é o desconhecimento em torno das dimensões éticas, estéticas e políticas que envolvem a musicalidade na infância. A abertura ao mundo sensível da ação educativa confere especial importância à música na Educação Infantil para oportunizar prazer, para colaborar no desenvolvimento da linguagem oral, da socialização, da memorização, da afetividade, da coordenação motora global, despertando a capacidade criativa e curiosa no processo de formação humana.

A própria legislação admite a realização de cursos de formação para professores em áreas próprias, que pode ser música, teatro, artes visuais e dança. Ou seja, os professores formandos quando ingressam nas salas de aula para lecionar artes, tem a compreensão de uma das áreas específicas. Dessa forma, o professor formado em música, por exemplo, para cumprir com as diretrizes, precisará desenvolver na disciplina de arte atividades em todas as expressões artísticas, mesmo não tendo a formação necessária. Saviani (2009, p. 153) entende que “a questão da formação de professores não pode ser dissociada do problema das condições de trabalho que envolvem a carreira docente, em cujo âmbito devem ser equacionadas as questões do salário e da jornada de trabalho”, até porque, as precárias condições de trabalho não somente paralisam a “ação dos professores, mesmo que fossem bem formados. Tais condições dificultam também uma boa formação, pois operam como fator de desestímulo à procura pelos cursos de formação docente e à dedicação aos estudos” (SAVIANI, 2009, p. 153). Saviani (2009) afirma que, para além dos discursos de uma garantia na formação consistente e condições apropriadas de trabalho, é necessário fornecer os recursos financeiros que correspondam a essas necessidades. Em suas palavras, aí está o grande desafio a ser enfrentado (SAVIANI, 2009, p. 153): “[essa] duplicidade pela qual, ao

mesmo tempo em que se proclamam aos quatro ventos as virtudes da educação exaltando sua importância decisiva num tipo de sociedade como esta em que vivemos” – qualificada como *sociedade do conhecimento* e formatada por políticas pautadas nos cortes de investimentos e redução de custos no campo da educação. Nóvoa (2009, p. 205) também chama atenção para o fato que “a educação vive um tempo de grandes incertezas e de muitas perplexidades. Sentimos a necessidade da mudança, mas nem sempre conseguimos definir-lhe o rumo”. Existem “excesso de discursos, redundantes e repetitivos, que se traduz numa pobreza de práticas”. Trata-se, portanto, de “ajustar as decisões políticas ao discurso imperante. Trata-se, pois, de eleger a educação como máxima prioridade, definindo-a como o eixo de um projeto de desenvolvimento nacional” (SAVIANI, 2009, p. 153).

Verificamos que a música faz parte da Educação Infantil, mas, majoritariamente, ainda é entendida pelos professores como um artifício para cooperar nas aprendizagens das demais áreas curriculares, não mostrando sua riqueza em termos de linguagem e também área do conhecimento. Percebemos que os professores manifestam incertezas para trabalhar com uma área do conhecimento que não é sua especialidade ou que não receberam formação suficiente. Por isso, a importância do professor desde a Educação Infantil proporcionar uma variedade de experiências musicais para a criança entre zero e cinco anos, trazendo a educação musical como prática pedagógica importante a ser desenvolvida também nesta faixa etária. Entendemos que a música utilizada como recurso didático é capaz de promover o desenvolvimento global, objetivo, subjetivo, social, moral, cognitivo das crianças. Para trabalhar com a música em sala de aula, o primeiro passo é o planejamento das ações, com um olhar voltado à educação sensível, que perceba a pluralidade dos sentidos musicais, respeitando a alteridade. Desta forma, a Educação passa a ser entendida enquanto “processo formativo que acontece em diversas dimensões de uma arte que é intersubjetiva, atravessada por relações de ensino e de aprendizagem, em que a sensibilidade para encontrar a alteridade coloca o educando diante do conhecimento, da interpretação social do mundo” (AZAMBUJA; CONTE; HABOWSKI, 2017, p. 168)

Independentemente da corrente de trabalho que o professor opte por explorar, seu planejamento sensível ao contexto é essencial para o sucesso da atividade proposta. É importante destacar que, embora o planejamento seja uma ação primeira, isso implica a participação e as contribuições trazidas pelas crianças, ou seja, “é fundamental que se respeitem as iniciativas dos estudantes, para que se sintam motivados e se tornem autônomos de seus saberes” (AZAMBUJA; CONTE; HABOWSKI, 2017, p. 165). E isso “implica

reconhecer o outro através de ações que permitam sair do imobilismo para (re)construir práticas pedagógicas, que possam expressar a riqueza das diferenças pelo diálogo cultural pensado com as subjetividades e identidades” (AZAMBUJA; CONTE; HABOWSKI, 2017, p. 166), pois só assim é possível dar abertura à educação do sensível e o sentimento de pertencimento dos mesmos à ação proposta. Além disso, é preciso ter em mente que o importante não é apresentar espetáculos musicais, mas sim engajar os estudantes no desenvolvimento das ações, como fonte primeira dos saberes e conhecimentos, de modo que percebam a importância que a arte tem em nossas vidas e seu potencial de transformação vital, por meio da sensibilidade despertada na educação. Nesse sentido, Reverbel (1997, p. 25) aponta que “o objetivo na escola não é ter um aluno-autor, um aluno-pintor ou um aluno-compositor, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida humana”.

A educação Infantil é, senão a única, uma das principais maneiras que um sujeito tem para refletir, pensar, questionar e mudar a sua realidade. Por esse motivo, a escola mais do que apenas apresentar conteúdos estanques e disciplinares, precisa contribuir para o desenvolvimento das dimensões humanas (subjetivas, objetivas e sociais), construindo noções de moral e cidadania. Diante disso, a música apresenta-se como mais um recurso que se alia aos professores para contribuir com essa formação, que acontece por meio da linguagem artística, enquanto lugar da criação sensível e da ressignificação de textos. Assim, esteja o estudante enquanto espectador ou protagonista, a música é um interessante meio para registrar na memória determinadas temáticas, além de levá-los para um impacto emocional, fazendo refletir sobre questões éticas e morais. Vygotsky (1972, p.31) também reconhece que “é perfeitamente admissível a opinião de que as Artes representam um adorno à vida, mas isso contradiz radicalmente as leis que sobre elas descobre a investigação psicológica”. Elas “representam o centro de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade e que se constituem no meio para se estabelecer o equilíbrio entre o ser humano e o mundo nos momentos mais críticos e importantes da vida”, tratando-se, portanto, de “uma refutação radical do enfoque das Artes como adorno” (VYGOTSKY, 1972, p.31).

Considerando que a educação possibilita essa formação integral do sujeito, no sentido de que favorece a interação humana com a diversidade e a multiplicidade, produzindo o (re)conhecer-se, posicionar-se e expressar-se no mundo, por meio de conhecimentos sensíveis integrados no âmbito do conhecimento, pois o conhecimento construído no mundo da vida não se dá somente pela razão instrumental, mas também pelos sentidos. A música no campo

da educação é um conceito aberto para novos olhares por meio da arte, para desenvolver múltiplas capacidades da experiência estética, além de ser um meio para transformação da realidade. Assim, Reverbel (1997, p. 34) reforça que “as atividades de expressão artística são excelentes recursos para auxiliar o crescimento, não somente o afetivo e psicomotor como também cognitivo do aluno”, já que a meta principal é o desenvolvimento da autoexpressão dos estudantes, ou seja, “oferecer-lhe oportunidades de atuar efetivamente no mundo: opinar, criticar e sugerir”. Entende-se que, por meio do trabalho com a música, o professor possa desenvolver com as crianças pequenas, a capacidade de expressão e comunicação, além de formar o pensamento crítico acerca de sua realidade. Com esse olhar, faz da música um aliado dos processos de ensino e aprendizagem, proporciona às crianças um conhecimento que possibilita a amplitude de horizontes e a expressividade do lúdico, quando existe um clima de iniciativa, em que onde o estudante externaliza suas capacidades, suas emoções, sensações, sentimentos e aflições, já que se constitui como um meio de expressão. Portanto, esperamos que essa pesquisa favoreça no sentido de lançar luz à formação de professores nessa área da música para difundir o conhecimento musical desde a Educação Infantil, além de oferecer subsídios ao trabalho docente no campo da educação musical. Que aqui fique a reflexão para que nas escolas abram-se espaços para o educador trabalhar com as crianças de forma a explorar a linguagem musical das mais diversas maneiras.

Reflexões finais

Na Educação Infantil, a criança precisa sentir-se autora do próprio conhecimento e a música pode ser um meio facilitador, funcionando como um laço de sensibilidade que revela e expressa questões complexas de maneira plural e maleável, despertando um olhar sensível e acolhedor. A ludicidade junto com a musicalidade abrange inúmeras possibilidades. Essa linguagem faz parte da cultura das crianças, tendo em vista as canções de ninar e as brincadeiras presentes no cotidiano musical. A música, portanto, perpetua sentimentos e circula por diversas áreas, considerando fatores emocionais, sensíveis e racionais. Ela é instigadora de novos conhecimentos sociais, visto que está presente no cotidiano infantil e pode sensibilizar abordagens e visões de mundo em ações interdisciplinares.

Embora sejam muitas as contribuições da música na Educação Infantil, constatamos que infelizmente o trabalho pedagógico com a música ainda está muito aquém do desejado, pois faltam incentivos governamentais para a valorização da arte e da formação de

profissionais atentos a essa área, o que ocasiona a negligência pedagógica em pensar a música partindo de diferentes experiências do cotidiano. Isso fica evidente quando observado nas escolas, em que na maioria das formas observadas é inserido apenas em atividades de confraternização, com apresentação de músicas para os pais dos estudantes, descontextualizadas da realidade e sem a pretensão do desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade de expressão humana. Esperamos que em um futuro não muito distante, possamos ter uma educação da sensibilidade, que torna o texto mais atrativo porque dá sentido ao existencial e ao mundo da vida, contribuindo para a formação de uma sociedade mais ética e justa, a partir da proposta de práticas educativas que suscitem a participação e a sensibilização dos estudantes nos processos de ensino e de aprendizagem com a música.

A música é tratada de forma marginalizada, pois quando nos referimos ao campo das artes, há predominância das artes visuais, gerando dúvidas sobre se a formação musical oferecida na preparação do pedagogo é suficiente. Na Educação Infantil, as práticas musicais são infinitas, mas o educador precisa integrar a música de forma instigadora e motivadora para que não se limite a atividades com as crianças que tenham somente como objetivo memorizar as rotinas da Educação Infantil. A musicalidade não pode ser reduzida a mero repetidor de informações em ações mecanizadas e operacionais, sendo que a criança deve ser protagonista na construção do conhecimento. A educação musical como dimensão sensível às questões vitais pode contribuir nos processos de ensino e de aprendizagem, desde a simples diversão das crianças ou mesmo para o tratamento de problemas de fala, psicológicos, de socialização, compreensão, expressão, concentração, entre outros. Portanto, a música já é parte integrada da vida das crianças, de acordo com Lino (2008, p. 15), “inseparável do processo de viver...”, o que necessitamos fazer é explorá-la de forma comunicativa e prazerosa, para que ela contribua na formação das múltiplas inteligências das crianças na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

AVILA, Daniel Camparo. **A musicalidade comunicativa das canções:** um estudo sobre a identidade sonora de crianças com autismo. 2016. 248f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

AZAMBUJA, Paula Lima; CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano. O planejamento docente na educação infantil: metamorfoses e sentidos ao aprender. **Pesquisa em Foco**, São Luís, v. 22, n. 2, p. 157- 178, jul./dez. 2017. DOI: 10.18817/pf.v22i2.1503

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Escola – Licenciatura em Música – Pedagogia: compartilhando espaços e saberes na formação inicial de professores. **Revista da Abem**, Porto Alegre, n. 7, p. 41-48, set. 2002.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A formação profissional do educador musical: algumas apostas. **Revista da Abem**, Porto Alegre, v. 8, p. 17-24, 2003a.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Da produção de pesquisa em educação musical à sua apropriação. **Boletim Informativo da Abem**, ano 6, n. 18, p. 35-48, 2003b.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Parecer CEB nº 022/98, 17 de dezembro de 1998. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96**. Brasília, 1996.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação 5.692/71**. Brasília, 1971.

CAGE, John. **De segunda a um ano**. São Paulo: Hucitec, 1985.

CAMARGO, Denise de Camargo; BULGACOV, Yara Lúcia Mazziotti. A perspectiva estética e expressiva na escola: articulando conceitos da psicologia sócio-histórica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 3, p. 467-475, jul./set. 2008.

CARVALHO, Patrícia Alves. **Re-Tocando a Aprendizagem na Educação da Infância: A música como linguagem**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, 2005.

CONTE, Elaine. **Aporias da performance na educação**. 2012. 283 f. (Tese de Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** 14. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **Perspec.**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 3-11, apr./june 2000. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002>.
Acesso em: 14 fev. 2018.

HABERMAS, Jürgen. **Dialética e Hermenêutica**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine; PUGENS, Natália de Borba. A perspectiva da alteridade na educação. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 23, n. 1, p. 179-197, jan./abr. 2018. DOI: 10.18226/21784612.v23.n1.10

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. O ócio criativo e a educação para o século XXI. **Artefactum** – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia. Ano X, n. 1, p. 1-15, 2018. Disponível em:
<<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1599/756>> Acesso em: 01 agos. 2019.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. São Paulo: DP&A Editora, 2002.

LINO, Dulcimarta Lemos. **Barulhar: A escuta sensível da música nas culturas da infância**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LINO, Dulcimarta Lemos. Barulhar: a música das culturas infantis. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 24, p. 81-88, set. 2010.

MARIANO, Daniel Augusto de Lima. **Práticas educativo-musicais no desenvolvimento das múltiplas inteligências: uma pesquisa-ação na docência da primeira infância**. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

MALOTTI, Ana Paula Ribeiro Cardoso. **O Ensino de Música na Educação Infantil: um estudo sobre a aprendizagem criativa**. 2014. 209p. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MEDINA, Alice Maria Correa. Didática Recreativa Matemática: ensino e aprendizagem em uma Escola da Comunidade. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n. 14, p. 422-439, ago./dez. 2012.

PARANHOS, Adalberto. Saber e prazer: a música como recurso didático pedagógico. In: FRANCO, Alécia Padua (org.). **Álbum musical para o ensino de História e geografia no 1º grau**. Uberlândia. Escola de Educação Básica. Universidade Federal de Uberlândia, 1996. p. 7-15.

REIMER, Bennett. **A philosophy of music education: advancing the vision**: Prentice Hall, 2003.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782009000100012&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 14 fev. 2018.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Psicologia del arte**. Barcelona: Barral, 1972.

SOBRE OS AUTORES

Adilson Cristiano Habowski

Mestrando em Educação pela Universidade La Salle - Canoas/RS, na linha de pesquisa: Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação, com bolsa CAPES/PROSUC. Participante do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/UNILASALLE/CNPq. E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0002-5378-7981>

Elaine Conte

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle (UNILASALLE). Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/CNPq e membro do Grupo de Estudos sobre Filosofia da Educação e Formação de Professores - GEFFOP/CNPq. E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br

 <http://orcid.org/0000-0002-0204-0757>

Recebido em: 16 de fevereiro de 2018
Aprovado em: 19 de agosto de 2019
Publicado em 01 de outubro de 2019